

MANUEL DE BOAVENTURA

O ETNÓGRAFO GOMES PEREIRA

BRAGA — 1967



Conheci Gomes Pereira por alturas de 910-911, e fui-lhe apresentado na antiga Tipografia Esposende, pelo seu e meu Editor — José da Silva Vieira, que tinha pelo estudioso Etnógrafo grande estima e admiração.

O notável cultor do Folclore Nacional viera de visita ao Dr. António Sousa Ribeiro, que fora Secretário Geral e Encarregado do Governo da Província de Moçambique, e seu antigo aluno no Colégio da Formiga, onde exercera o magistério.

Mestre e Discípulo estimavam-se mutuamente porque cada um tinha o exacto conhecimento do valor moral e mental do outro.

Sousa Ribeiro era apreciado poeta e castiço prosador. Dera à publicidade em verdes anos, quando frequentava Coimbra, o seu primeiro livro de poemas — «*Sorrisos e Lágrimas*», que subintitulou de «versos velhos»; e logo no ano seguinte (1895) «*Crystais*», outro livro de poemas; ambos são hoje raridades bibliográficas, por as respectivas edições se terem esgotado em curtos prazos.

Se, como poeta, marcou, como prosador, honrava o Mestre, que, durante quatro ou cinco anos, o leccionara em Ermesinde. Precisamente em 1911, via a luz da publicidade «*Licção das Mulas*», cuja dedicatória «ao Curso do Quinto Ano Jurídico de 1896-97», é uma peça de saborosa prosa, em que sobressai o bom humor da consciência tranquila, que a concebeu.

Estou certo de o eminente Etnógrafo me ter dito que viera felicitar Sousa Ribeiro, pela publicação desse livro de defesa da sua honorabilidade, ao mesmo tempo que esmagava os seus acusadores, provando a inanidade de especiosas faltas, que se não lobrigavam.

Muito novo ainda, o barcelense Silva Vieira, em 1887-88, estabeleceu-se em Esposende, com uma Tipografia. Em 1888 fundou o sema-

nário «*O Esposendense*», que em 1892 mudou o cabeçalho para «*O Povo Esposendense*», para mais tarde voltar a ser «*O Esposendense*».

Simultaneamente era fundador e director da «*Revista do Minho*», nascida em Barcelos em 1885-86, e em Barcelos se publicaram os três primeiros números dessa curiosa revista inteiramente dedicada ao estudo das tradições populares. Fui Editor dessa publicação desde 1911 até que deixou de se publicar.

Gomes Pereira era assinante da «*Revista do Minho*» desde os primeiros números, e deve ter sido ela que lhe despertou o gosto pelos estudos folclóricos, por lá participarem notáveis etnógrafos nacionais e estrangeiros, como: Teófilo Braga, Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Armando Silva, Soeira de Brito, Tomás Pires, Rodrigo Veloso, Leite de Castro, Dias Nunes, Albino Bastos, Teixeira de Vasconcelos, Ladislau Piçarra ... Maury, Veruda, Martin Mende, etc.

Gomes Pereira, filho do povo e admirador da sabedoria do povo, deveria ter sido influenciado por aqueles nomes ilustres, para lhes seguir o exemplo.

Leite de Vasconcelos vinha muito por Barcelos, onde alguns dos seus primeiros trabalhos foram publicados. Colaborava na «*Aurora do Cávado*», do ilustre Rodrigo Veloso, e neste jornal publicou cerca de uma vintena de artigos sobre matéria etnográfica.

Foi ele que o animou a coligir «*As Tradições Populares de Barcelos*», como confessa no Prólogo que antecede esse notável estudo, datado de Midões, em Abril de 1912:

«Em 1890 frequentava eu o Curso Superior de Letras, e travando relações com o dr. José Leite de Vasconcelos, que encontrava todos os dias na Biblioteca Nacional, este me animou a escrever as *Tradições Populares de Barcelos* — terra que ele conhecia muito bem, tendo até escrito artigos na «*Aurora do Cávado!*».

Informa a seguir que aproveitou as férias para tomar notas e ir pondo em ordem os apontamentos de tudo que ia coligindo: orações, romances, lendas, contos, costumes, quadras populares, vocabulário, toponímia, etc.

Mas as obrigações profissionais obrigaram-no a pôr de parte os trabalhos iniciados em 1890, que só viriam a ser publicados, uma parte na *Revista Lusitana* e a totalidade na «*Revista do Minho*» — «Ano XXI — 1913, ainda em vida do Autor e dois anos depois, em 1915, num grosso volume de 408 páginas, na «*Colecção Silva Vieira*».

A primeira vez que encontro colaboração de António Gomes Pereira na meritosa «*Revista do Minho*», é exactamente neste n.º XXI, de 1913, ano em que faleceu. Mas em 1911, já aquela revista anunciava: «A entrar no prelo:

1. «*Tradições populares de Barcelos*», por A. Gomes Pereira, Prof. do Liceu Rodrigues de Freitas, do Porto;

2. «*Linguagem Popular de Vila Real*»;
3. «*Tradições Populares de Vila Real*»;
4. «*Tradições de Amarante*».
5. «*Tradições de Penedono*»;
6. «*Tradições do Porto*».

Não faz referência às *Tradições populares da Guarda*.

Mas a verdade é que a ordem de publicação foi outra, principiando precisamente por:

1.º — *Tradições populares da Guarda* — porventura o original que vi entregar a Silva Vieira, quando da visita do Autor ao dr. Sousa Ribeiro, e foi dado à estampa em 1912.

Ainda, datado de Midões — Outubro de 1912 — insere a *R. do M.* n.º XXI — de 1913 — «*Toponímia do C. de Terras de Bouro*», dedicado «Ao meu amigo Martins Barreto, Reitor do Liceu Central de Braga, e natural de Souto». Ocupa as colunas de 30 a 34.

Em 1914 na «Colecção Silva Vieira» aparece em livrinho de 40 páginas — *Toponímia dos Concelhos de Terras de Bouro, Póvoa de Varzim e Vila do Conde*».

Insere, à laia de prólogo, a notícia necrológica transcrita de «*O Primeiro de Janeiro*», de 9 de Abril de 1913, que dá Gomes Pereira como nascido em Midões, em Março de 1858, quando a verdade é que nasceu em 30 de Setembro de 1859.

A ordem da composição, ao contrário do título, começa com a toponímia da Póvoa e acaba com a de Terras de Bouro, aproveitando o que havia sido publicado na *Revista do Minho*, em 1913.

Vê-se que a culpa foi simplesmente do editor, que pôs em último lugar aquilo a que o autor dava primazia, como o comprova o pequeno preâmbulo e dedicatória a Martins Barreto.

Define sessenta topónimos poveiros e declara oito sem explicação. A quatro deles — *Cadilhe, Coteres, Sonhim* e *Rates*, — José M. Piel pretende determinar-lhes a origem (1).

No toponimário de Vila do Conde define cento e dez topónimos, declarando não encontrar explicação para nove, e entre estes — *Azurara, Farilhe, Fajozes, Friães* ... J. Piel dá leve explicação de *Fajozes*, que diz ser de origem germânica; e *Friães*, que deriva de *Fridus*, que significa «paz».

No concelho de Terras de Bouro, dá a definição de sessenta topónimos, e declara não encontrar explicação para sete.

Um desse é *Bouro*, que, segundo Piel, deriva de *Bur* — casa ou abe-

(1) Os nomes germânicos na toponímia portuguesa, Lisboa, 1937. *Cadilhe* é estudado também noutro livro do mesmo Autor, *Nomes de «pessadores» latino-cristãos na toponímia asturo-galego-portuguesa*, Coimbra, 1947.

goaria; outro é *Cibões*, do germânico *Sibja* — paz ou amizade; e um terceiro *Gogide*, dá-o como genitivo de *Gogido*, mas declara não saber o que significa.

De *Tradições Populares, Vocabulário e Toponímia da Guarda*, dá explicação a cento e vinte e três topónimos; e a cerca de vinte páginas de Vocabulário (316 étimos), cujos significados os não afastam muito das palavras similares minhotas.

Não data o preâmbulo, mas a colectânea foi feita depois de 907 ou 908.

Entrou na «Colecção Silva Vieira», e viu a luz da publicidade em 1912: aos passo que «*Tradições Populares*» — e *Dialecto de Penedono*, dado à publicidade em 1924, tem a «*Advertência*», que serve de prefácio, datada do «Porto, Outubro de 1907».

Foram dois estudantes do concelho de Penedono, que colheram todo o material: orações, ensaios, fonética, morfologia e vocabulário, 216 étimos, evidentemente, orientados pelo Mestre.

Parece não restar dúvida de que este trabalho foi, primeiramente, publicado na «*Revista Lusitana*», e, em 942, dado à publicidade na «*Colecção Silva Vieira*»; com nota — «Este livro é propriedade do Editor cujos direitos lhe foram concedidos pelo Autor». Isto faz supor que, ao Silva Vieira, o Autor tinha entregue o original, pouco depois da publicação na «*Revista Lusitana*».

Dos trabalhos anunciados na *Revista do Minho*, de 911 — «*Linguagem Popular de Vila Real; — Tradições Populares de Vila Real; e Tradições do Porto*, afigura-se-me que nenhum deles foi editado em Esposende. — Não obstante, a importante «*Revista Lusitana*» publicou-os.

Como Editor, que era, da «*Revista do Minho*», tenho leve recordação de Silva Vieira, aí por alturas de 1930, me ter mostrado originais do ilustre Etnógrafo, que seriam publicados na Revista e passados a volumes independentes. Como nessa altura me ausentei, a desempenhar funções públicas, em terras distantes, ignoro se algo foi publicado.

É ponto assente que não.

Silva Vieira morreu; e a sua biblioteca, que era valiosa, os papéis e originais, em seu poder, para dar à estampa, levaram revaleste, ... a nortada os levou !...

O mais vultuoso e o mais acarinhado dos seus trabalhos etnográficos é, sem dúvida, o que dedicou à sua Terra.

«*Tradições Populares, Linguagem e Toponímia*» é o «*Lusíadas*» de Barcelos, em quatrocentas luminosas páginas e inúmeros cantos: Orações da lavra do povo; romances, que correm na tradição; cancionero, com que as moças alegram o trabalho; lendas de encantar a imaginação; superstições, costumes, ditados, linguagem, vocabulário e os enigmas da Toponímia ...

Tudo isto se encontra no tesouro da sabedoria do povo, que o espírito subtil do Etnógrafo Gomes Pereira surpreendeu e passou para as lautas de um livro.

Calcula-se a amorosidade com que foi feita a recolha; o ouvido atento às modalidades do falar; a prova real tirada à paciência; o tempo gasto, em centenas de dias de trabalho; o calcorrear dos ínvios caminhos e atalhos de pé-posto ao longo de nove dezenas de aldeias — petando às portas-fronhas dos lavradores, e às cancelas dos tugúrios, a arrecadar a literatura oral do povo, do risco de se perder.

Mas a grata fadiga que disto redundava no prazer espiritual de cantar a sua amada Terra!

As primeiras 16 páginas deste precioso livro, são dedicadas a oração de criação popular: ao Anjo da Guarda; ao deitar, com cinco variantes; ao levantar da cama; Padre-Nosso Pequenininho; Oração quando o Mar se abriu.

O Romance de fundo religioso começa com o Anjo Custódio a disputar com o diabo:

«— *Amigo Custódio ...*
— *Custódio sim, amigo não*
.»

E seguem-se outros: Romanceda Paixão; Devota da Virgem; Janeiras; Reis; Remoques aos Padres e Médicos:

«*Duas coisas há no mundo*
Qu'eu não posso entender
Os padres ir pró inferno
E os médicos morrer» ...

E remeta o capítulo com engraçadas perlengas:

«*Em Lisboa se formou*
palácio de grande altura;
casas ricas têm fartura;
quem doba tem seu sarilho;
as galinhas vão ao milho;
quem paga são os pardais; ...

Outra:

«*O tarro é fino,*
Pica no sino;
O sino é de ouro,
Pica no touro ...

As 77 páginas seguintes albergam nada menos de 408 cantigas. — umas de excelente conceito moral, outras de fino e gracioso humor.

Entra depois o domínio das Lendas:

Em Portugal a lenda da ilusão do tempo, localiza-se no convento de Vilar: o frade, deliciado pelo canto de um passarinho, segue-o através da cerca, e fica-se a ouvi-lo durante 300 anos.

Segundo Garcia de Diego (*Antologia de Leyendas*, 67), esta famosa lenda é conhecida em quase toda a Europa; e, no Oriente, o próprio Alcorão a relata. Mas há mais lirismo na de Barcelos, que corre em Portugal.

Refere-se à Lenda do Senhor do Galo, que tem similar em outras lendas estrangeiras. Diego dá em *El gallo que cantó depues de asado*, um contarello semelhante, cujo milagre se opera por intercessão do Santo Domingo de la Galzada.

A lenda do Senhor da Cruz...

Diz o povo:

«O Senhor de Matosinhos
Mandou dizer ao de Fão,
Que dissesse ao de Barcelos,
Qu'era tam'em seu irmão».

Recolheu, ainda, outras lendas, e entre elas, a do Areal de Vilar; o homem e o lobo; a porta de Sant'Iago de Compostela, etc.

*

As *Superstições, Costumes e Ditados* ocupam 41 páginas.

Segue-se: Linguagem: Fonologia e Morfologia, em que a alta competência do Professor se manifesta com exuberância.

Calculo que o vocabulário recolhido em toda a região barcelense não deverá andar longe dos 2.000 étimos, todos com definições, muito claras, e exemplos com frases surpreendidas, na ocasião da recolha.

O precioso livro finaliza com a «Toponímia, ou estudo dos nomes de lugar», que antecede de «notas prévias», para elucidação dos leitores estudiosos, que, para aquele tempo em que Glotologia, Filologia e Toponímia estavam na infância, denotam a grande cultura e agudez de espírito do eminente Etnógrafo. Quando havia a esperar desse homem ilustríssimo, neste difícil ramo de Ciência, que ainda hoje tem poucos cultores, se a negra ceifeira o não houvesse arrebatado a meio da vida!

Já lá vai meio século, e a enfraquecida memória vê as figuras do Passado, a tremelir, envoltas em neblinas de sonho.

Mal me recordo do aspecto fisionómico do Etnógrafo Gomes Pereira. Mas ainda o vejo!...

Era homem magro, de mais que mediana estatura, rosto comprido, fronte alta de intelectual; usava óculos, ou lunetas, o cabelo a rarear e a branquejar.

Era afável, sereno, expressando-se com simplicidade; modesto, mas apumado, e inspirava simpatia, porque um sorriso, quási imperceptível, errava nos seus lábios, e seus olhos inspiravam confiança.

Por 909, saiu da Tipografia e Livraria Esposendense o meu primeiro livro — «*O Solar dos Vermelhos*» — um romancezinho tradicional que aproveitava uma lenda de amor e se alicerçava nas historietas que «os velhos de algum dia» sabiam contar. E que bem contavam!

Vieira, que era barcelense e tinha a maior admiração pelo seu conterrâneo, Gomes Pereira, mandou-lhe um exemplar, que autografou como editor e pedia que fosse benévolo para as deficiências do Autor, (...um rapazito com muito amor às letras, e às coisas do passado!).

Isto tocou a corda sensível do Metre Etnógrafo! «O que?! Havia ainda um rapaz, que, em vez de fazer versos vazios de pensamento, coligia vocábulos populares, e as lendas, e as tradições do seu terrunho! Bravo! Era preciso animá-lo e estimulá-lo ...»

Escreveu ao José Vieira uma carta, que imensamente lisonjeou a minha vaidade, de bisonho aprendiz da Arte d'Escrever. Prometia para breve, uma visita a Esposende para abraçar o Amigo Sousa Ribeiro, e trocar impressões com o seu Editor, sobre a publicação de trabalhos de sua autoria. E rematava: «...e para conhecer esse rapaz tão original, que, ao contrário da maioria, não faz versos!»

E mais abaixo:

«É um herói! Quero conhecer esse raro exemplar!...»

Vieira ofereceu-me a carta preciosa, que durante anos guardei. Bem arrecadada foi! Mas os elementos contraditórios da vida, que passou, para jamais voltar, e os sorvedouros negaciosos do tempo, que, desfreado galope, vai fugindo, desagregou, molécula a molécula, a mensagem grandiosa, que me envaidecera, para a subverter no pó e cinza do Nada, supremo abstracto! — destino inevitável de todas as coisas, e de todos os sonhos... A carta nunca mais apareceu! Com quanta vaidade a exhibiria aqui!...

O encontro com o Mestre Gomes Pereira, na acanhada tipografia do Silva Vieira, foi, para mim, uma grande lição.

Já ao tempo eu carreava materiais para o *Vocabulário Minhoto*, que, cinquenta anos decorridos, continuo a carrear.

Gomes Pereira falou-me da sua recolha em Barcelos, perto de 2.000 étimos, na Guarda, em Penedono... por toda a parte onde passava. E lembrou Camilo, a acaudeçar termos populares e a dar-lhes agasalhadoria em seus livros.

Durante mais de uma hora, ouvi os conselhos do mestre, não só sobre recolha vocabular, como nas outras manifestações do folclore e da etnografia;



«Que recolhesse cantigas, ditados, anexins, rifões, sentenças e frases feitas. Tudo isso tinha valor.

Que ouvisse com atenção os contadores de estórias, lendas e romancinhos e que grafasse a própria linguagem, através da qual se encontrava muitas vezes explicação de certos vocábulos antigos».

E ao despedir-se, num gracejo, e apertando-me a mão efusivamente:

— Diz você que não sabe fazer versos ...

E depois de pequena pausa.

— Afinal, você, é um poeta em prosa» — .

BO

Biblioteca
Manuel de